

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

TRABALHO E VIDA URBANA EM MANAUS: CATRAIEIROS, 1880-1910

Bolsista Voluntário: Cícero Gonçalves de Souza

MANAUS

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/0080/2014

TRABALHO E VIDA URBANA EM MANAUS: CATRAIEIROS, 1880-1910

Bolsista Voluntário: Cícero Gonçalves de Souza  
Orientadora: prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Ugarte Pinheiro

MANAUS

2015

## RESUMO

Buscando uma compreensão maior para um grupo específico de trabalhadores, o tema dos catraieiros e suas vivências urbana na cidade de Manaus do final do século XIX e início do XX, foi pedra de toque para esse projeto de iniciação científica, a exemplos de outras temáticas que vem sendo discutidas atualmente numa história regional. Procurando identificar as experiências de vida e trabalho desse sujeitos, chamamos a atenção para uma necessidade de trazer para a discussão historiográfica essa categoria, com uma grande importância histórica em nossa cidade e que atualmente ainda conseguimos visualiza-los no cotidiano de nossos rios, guardando aqui as devidas peculiaridades de cada momento. Com um número significativo, de jornais da época e principalmente a luz de autores que se debruçam sobre a temática do trabalho em suas múltiplas dimensões do cotidiano, procuramos ler essas fontes e sistematizar as informações contidas nesses periódicos que pudessem por um pouco forma nesses atores sociais. Compreendemos que a construção do conhecimento passa por etapas e esse projeto visa iniciar as primeiras de muitas outras pesquisas que possam ampliar a discussão na temática do trabalho. Em nossa pesquisa, procuramos ler uma extensa bibliografia que fosse capaz de nos dar um pano de fundo para a compreensão regional e nacional do universo trabalho. Palavras chave: Trabalho; Catraieiros; Fontes

## ABSTRACT

Seeking a greater understanding of a specific group of workers, the subject of catraieiros and their urban experiences in the city of Manaus in the late nineteenth and early twentieth centuries, was the touchstone for this research project, the examples of other issues that It is currently being discussed at a regional history. Trying to identify the experiences of life and work of this subject, we draw attention to a need to bring to the historiographical discussion this category, with a great historical importance in our city and currently still managed to view them in the daily lives of our rivers, guarding here the proper characteristics of each moment. With a significant number of newspapers of the time and especially the light of authors who have addressed the issue of work in its various dimensions of daily life, we try reading these sources and systematize the information contained in these journals they could for a little way those social actors. We understand that the construction of knowledge goes through stages and this project aims to launch the first of many other research that might broaden the discussion on the theme of work. In our research, we try to read an extensive bibliography that was able to give us a backdrop for regional and national understanding of the universe work.

Keywords: Labour; Catraieiros; Sources

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Ao fundo a ponte metálica na cachoeirinha e no Rio uma catraia.....	9
Figura 2- Mercado Público e no Rio barcos e catraias usadas para transporte de carga e passageiros.....	16
Figura 3- Barcos e Catraias ancorados no Rio.....	19
Figura 4- Barcos e Catraias nas proximidades do que atualmente é o porto de Manaus, 1900.....	20
Figura 5- Ao fundo a antiga fábrica de cerveja (Cervejaria Miranda Corrêa) e no centro do Rio uma antiga embarcação.....	22

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 DESENVOLVIMENTO.....	7
2.1 Historiografia do trabalho e novas abordagens.....	7
2.2 Historiografia do Trabalho no contexto Inglês.....	11
2.3 Historiografia Regional do Amazonas em Construção.....	14
2.4 Catraieiros no Contexto Cearense.....	17
2.5 Catraieiros e os Jornais.....	18
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
4 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	25
5 REFERÊNCIAS.....	26
6 FONTES.....	28

## 1 INTRODUÇÃO

Manaus, cidade do final do século XIX e os primeiros anos do século XX, foi representada em grande parte da historiografia que se debruça sobre o período, como uma cidade de grande expansão econômica, fruto do intenso comércio da borracha. Verdade, mas o contexto dessa cidade com forte crescimento foi bem mais complexo do que se quis uma historiografia homogeneizadora da economia e das práticas sociais. Fala-se muito de uma Manaus modernizada, principalmente a partir de 1890 com aumento significativo do preço da borracha no mercado mundial e de uma maior extração do látex, sendo o Amazonas um dos grandes produtores nesse período. A cidade era uma pequena aldeia e que se transforma após o surto econômico na “Paris dos trópicos”<sup>1</sup> com luz elétrica, bondes, serviços telefônicos, coleta de lixo eficiente entre outros serviços e ações modernizadoras da época, como por exemplo, uma tentativa de higienização dos espaços, mas também um grande número de problemas sociais oriundos dessa nova configuração.

O tema do trabalho e da vida urbana na cidade de Manaus desperta nosso interesse por várias razões, mas em especial, para tentar analisar as transformação que passara nossa cidade na virada do século XIX para o XX. *Trabalho e Vida Urbana em Manaus: Catraieiros, 1880-1910* é o título do nosso projeto. Buscamos essa categoria específica de trabalhadores, nas suas múltiplas dimensões do cotidiano, seja nas ações políticas, econômicas e sociais, tendo em vista a ausência de trabalhos sobre esses sujeitos, investigamos num contexto em que foram de extrema importância para a economia das cidades portuárias. Os catraieiros representaram uma importante categoria de trabalhadores, assim como os estivadores, carroceiros e tantos outros na cidade de Manaus, acompanhando o cenário de outras regiões portuárias do país.

As principais atividades econômicas nesse contexto estavam intimamente ligadas a região do porto, entrada e saída de mercadorias, no caso específico de Manaus, a exportação da borracha para o mercado internacional e a chegada de mercadorias, como azeites, vinhos, cachaça entre outros produtos que passaram a se fazer necessários para abastecer o mercado local. Não é tarefa fácil, dada a ausência de fontes e de trabalhos que adentram nessa temática,

---

<sup>1</sup> O termo nesse texto foi utilizado para mostrar o modelo de cidade que almejou as autoridades da época, Paris naquele contexto, representava as características de cidade moderna. Esse movimento de modernização do espaço urbano, além de Manaus, outras cidades também tiveram suas experiências de transformação.

mas é perfeitamente possível graças a uma ampliação das fontes, em nosso caso os jornais do período com grande presença de trabalhadores em suas páginas, uma pré-disposição de historiadores sensíveis a essa temática, assim como a renovação historiográfica que vem paulatinamente sendo difundidas, a partir dos cursos de graduação e pós-graduação. Para demonstrar a importância de nossa categoria, até nossos dias atuais ainda conseguimos visualiza-los em atividade em nossas águas, guardado as devidas proporções de tempo e transformações sofridas, entre os catraieiros de ontem e os de hoje.

O tema da modernidade impressionava a muitos que chegavam a essa região naquele contexto, o brasilianista norte-americano E. Bradford Burns (1966), seguido uma linha interpretativa, assemelhando-se a de outros autores sobre esse período, nos leva a crer que a prosperidade ocorrida na cidade Manaus causava um grande entusiasmo a quem subia o rio Amazonas para vê-la, assim as contradições do cenário urbano pouco seriam percebidas por quem a visita-se. A partir dessa e de outras leituras surgiram algumas indagações. Em 1910, ano que o autor elege como retrato de uma cidade em expansão, Burns elabora um panorama da cidade que havia sofrido os efeitos da modernidade e pouco tempo depois passaria a vivenciar os efeitos da crise econômica, com a perda da hegemonia na produção do látex.

Que perguntas podemos fazer ao período, a partir do contato com esse tipo de historiografia, para tornar possível novas abordagens para esse e outros projetos de pesquisas sobre o contexto: em que momento encontramos os trabalhadores portuários? os trabalhadores do comércio? os vendedores ambulantes? e outros trabalhadores que não estavam envolvidos diretamente com o processo extrativo da borracha? Não poderíamos questionar a escolha do autor pelo seu objeto de pesquisa, mas essa é uma tentativa de justificar o nosso interesse em jogar luz nessa lacuna historiográfica, ou pelo menos, tentar minimizar o processo de ocultação dos rostos desses sujeitos, secundários nesse modelo de narrativa histórica, privilegiando um determinado modelo vencedor de análise que se cristalizou, em certa medida, nos meios intelectuais. Ao longo de seu texto, pouco pudemos identificar sobre a existências de pessoas que de modo ativo participaram construtivamente da história, pois em trabalhos posterior feitos numa perspectiva renovada, na qual falaremos depois, nos mostram exatamente o caráter heterogêneo e complexo da cidade de Manaus naquele momento.

Buscamos ao longo de nossas atividades nesse momento do projeto, fazer um levantamento bibliográfico e uma discussão sobre as produções que versam a respeito da temática do trabalho, da vida urbana ou de algum modo localizam o trabalhador na suas



vivências. A leitura das referências nos possibilitou a ida para o universo das fontes com uma maior compreensão de aspectos sobre o mundo do trabalho, nos mostrando com isso, a dinâmica da cidade de Manaus, que é bastante heterogênea na sua composição no contexto estudado.

Para isso, um conjunto de fontes inicialmente já delimitada foi reunido. Partindo de uma grande imprensa manauara, com um volume maior de publicações ao longo do tempo, ou mesmo uma imprensa operária, que as vezes de forma regular ou sofrendo de alguns cortes na produção nos ajudará nas investigações sob a pesquisa. O *Commercio do Amazonas*, *Amazonas*, *Estrella do Amazonas*, *A Provincia do Amazonas*, *O Catechista*, *Quo Vadis*, *Gutenberg* e outros que dispomos no acervo digital farão parte das nossas análises.

Nesse período do projeto, além das atividades desenvolvidas em torno da pesquisa, também como docente no interior da graduação, participei de duas disciplina (dentre outras) que considero importantes para o próximo passo no exercício das atividades como pesquisador. *Tópicos Especiais em História Regional II*<sup>2</sup> vem somar sobre a produção do conhecimento, nessa disciplina foram abordado questões relativas ao mundo do trabalho e sobre o contexto da vida urbana. Em *Historiografia Brasileira*, ministrada pelo professor doutor, Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro(UFAM), a circulação do conhecimento está sendo uma referência para o diálogo com o tema e com o recorte temporal.

---

<sup>2</sup> Ministrada pelos professores doutores: César Augusto Bubolz Queirós(UFAM), Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro(UFAM) e Maria Luiza Ugarte Pinheiro(UFAM). Realizada com a colaboração de discentes e docentes do Programa de Pós-Graduação em História da UFAM.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Nesse momento de apresentação das referências que norteiam a produção do conhecimento científico, procuramos elencar alguns autores e contribuições que em certa medida, percebem os trabalhadores em suas múltiplas dimensões do cotidiano da vida urbana. Seja no campo político, econômico, social ou cultural, essas novas abordagens nos colocaram diante de uma realidade muito mais reflexiva do ponto de vista historiográfico.

### 2.1 Historiografia do trabalho e novas abordagens

Começamos por falar de um autor que buscou fazer um balanço historiográfico, acerca da classe trabalhadora no Brasil, desde os primeiros anos da República aos anos 80 do século XX. O autor Cláudio H. M. Batalha analisa uma pequena parte da historiografia brasileira sobre a classe operária, sem o objetivo de explorar todas as reflexões sobre a temática. O autor escreve num momento da história, em que os debates em torno da classe operária haviam ocupado grande destaque, passando por momentos iniciais de uma história acadêmica sociológica e posteriormente assumindo um caráter empírico pelos historiadores. Segundo ele:

A história operária viveu seu momento de glória no início dos anos 80, em boa parte graças à ascensão do movimento operário, sem ter depreendido grande esforço para obter essa posição, e sem ter resistido ao desprestígio desse campo de estudos que se seguiu o descenso do movimento operário. (BATALHA, 1998. p. 157)

Dessa forma, o autor dar uma contribuição importante para a análise da historiografia operária mostrando a importância dos movimentos grevistas ocorridos principalmente em São Paulo nos anos 80. Os embates políticos da classe trabalhadora impulsionaram as discussões historiográficas em torno do operariado, cabendo aos pesquisadores dar uma sustentação e continuidade a essas discussões.

De forma didática o autor elabora uma compreensão da historiografia da classe operária, mostrando-a em modelos interpretativos. Num primeiro momento ele analisa uma historiografia militante, que corresponde aos primeiros anos do século XX. Historiografia essa, produzida por jornalistas, advogados e principalmente por militantes da classe. Nesse

contexto, a formação do partido comunista e a intensificação das ideologias de classe fortaleceram o operariado, num momento de ousadia historiográfica.

Em outro momento, o autor trabalha com interpretações de cunho sociológico, inauguradas por estudiosos estrangeiros dedicados ao campo de pesquisa sobre a imigração e cultura no Brasil (os brasilianistas) que começam uma história operária acadêmica. Nesse bojo de análises, os sociólogos brasileiro assumem um papel importante na compreensão da classe operária. Grandes sínteses do período foram construídas abordando a questão da imigração e da força de trabalho no Brasil, com enfoque nos sindicatos e na formação da classe operária no país.

Um terceiro momento da historiografia é que chamamos de história da historiografia da classe operária. Nesse cenário, a presença do historiador fica mais participativa do que em outros momentos nas discussões acadêmica, principalmente a partir da década de 70. Esse fenômeno é sentido pela expressividade de autores que se debruçam nos estudos dos trabalhadores fora do contexto nacional e que repercutiram na nossa historiografia. As várias interpretações sobre o tema, ampliação e diversificação das fontes alargaram o campo de pesquisa do historiador brasileiro que fundamentado nas “novas” fontes constroem outras abordagens no campo historiográfico.

Em outro trabalho desenvolvido pelo autor, a análise sai um pouco da historiografia e foca na formação da classe trabalhadora no Brasil, *Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva*, no eixo Rio de Janeiro e São Paulo no período Republicano. Batalha (2003) traz uma dimensão política dessa formação, dando as greves um papel importante nessa luta da classe. As organizações de grupos de trabalhadores qualificados, ligas operárias, sociedades mutualistas dentre outras formas de agrupamentos no mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, o autor já apontava para um momento posterior de novas abordagens, a respeito da historiografia operária. Em Batalha (2006), *Os desafios atuais da História do Trabalho* vem sendo percebido nos elementos de interpretação da história operária mais recente, principalmente no campo de pesquisa da história regional que traz para a discussão um leque maior de possibilidades. Assim, procuramos em certa medida, pensar a categoria de trabalhadores em questão, na cidade de Manaus tentando ampliar a compreensão do tema a luz dessa historiografia.

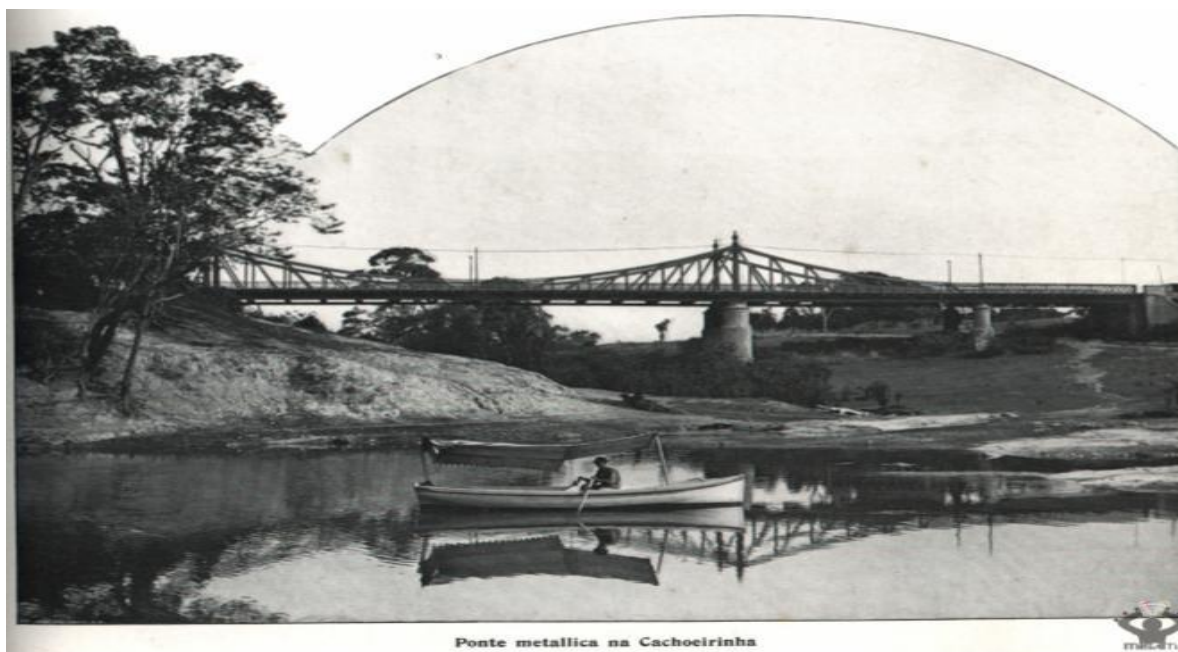


Figura 1: Ao fundo a ponte metálica na cachoeirinha e no Rio uma catraia. s/d. Disponível em:< <https://cantinholiterariosriosdobrasil.wordpress.com/page/98/>>. Acesso em: 10 de maio de 2015.

Com relação a história do trabalho, um outro ponto importante para refletirmos são as fontes. A autora Sílvia Regina Ferraz Petersen, nos coloca diante da realidade dos jornais como fonte histórica e analisa como a classe trabalhadora aparece nessa imprensa operária e comercial, evidenciando a luta dos trabalhadores por uma redução da jornada de trabalho para 8 horas semanal. O trabalho da autora leva em consideração três tipos de imprensa: uma comercial com maior vulto por conta da tiragem e outros aspectos, uma operária rica nas questões da classe trabalhadora e em outro tipo que seria mais esparsas (os panfletos). Mas todas essas fontes são ricas, no sentido de nos colocar diante da realidade vivida por esses sujeitos, suas lutas, seus anseios e as transformações políticas nesse contexto. Nesse sentido, nos mostra a importância desses periódicos, principal fonte para nossas análises sobre os catraieiros na cidade de Manaus, com a capacidade de nos mostrar um pouco sobre a realidade cotidiana dessa categoria. Segundo a autora, “Tanto os jornais da imprensa comercial como o da operária têm essa virtualidade ímpar: permitem acompanhar no dia a dia o desenrolar de um acontecimento”. (PETERSEN, 2010. p. 124)

Ela analisa vários jornais, que em sua maioria trazem questões relativas ao movimento operário. Essa análise de desconstrução de uma historiografia conservadora, que mostrava direito dos trabalhadores consolidado em 1932 com o Governo provisório de Getúlio Vargas, como concessão do Estado para os trabalhadores. O que ela leva em consideração é uma

intensa participação dos trabalhadores, principalmente a partir da segunda metade do século XIX e que essa legislação é fruto dos vários embates entre os trabalhadores e seus patrões. Confere então, a luta ao longo de vários anos e em diversas partes como responsável pelos direitos conquistados, no caso do Brasil em 1932.

A autora pensa essa realidade e essas questões a partir do Rio Grande de Sul, nos mostrando os argumentos nos jornais para a redução da jornada de trabalho para 8 horas, somando-se a participação operária do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, evidenciando a presença de outras regiões do país na luta por melhores condições de trabalho e na luta pela sobrevivência no contexto da primeira república.

Todas essas reivindicações e greves mostrado no texto, colaboram com outras discussões no contexto regional do Amazonas, que inserido numa discussão sobre a classe trabalhadora nos permite investigar os jornais operários do nosso Estado e colaborar com a história social da classe trabalhadora no Brasil, sem pretensões de esgotar o tema da historiografia no país, mas mostrar a forte luta dos trabalhadores no Amazonas, assim como em outras regiões, para um maior aprofundamento no mundo do trabalho.

As greves e paralizações nesse contexto, foram um instrumento forte de luta do trabalhador nas negociações entre o patronato e classe trabalhadora. Esses movimentos aparecem mais abertamente nos periódicos operários que em certa medida, nos ajudam a entender um pouco mais do universo da classe operária e que cada vez mais vem sendo analisado pela historiografia.

Voltando a classe ou em nosso caso, categoria de trabalhadores, o texto de Marcelo Badaró Mattos, onde nessa produção ele trabalha com a questão da formação da classe trabalhadora na segunda metade do século XIX e início do XX. Procurando construir argumentos que mostram a realidade da classe trabalhadora, tanto com trabalhadores livres, escravos ou até mesmo com a presença do imigrante no campo do trabalho. O cenário criado pelo autor nos evidencia as trocas de experiências realizadas no contexto das greves e no próprio cotidianos desses sujeitos, seja na luta pela liberdade ou na formação das organizações, na qual, pouco a pouco esses trabalhadores se constituem como classe.

E se trabalhadores escravizados e livres compartilharam experiências de trabalho e de vida, além de valores, o fizeram numa troca de experiências que incluiu o compartilhamento de modelos e formas associativas, além de padrões de mobilização e luta. (MATTOS, 2010, p 16)

A busca do rompimento com uma historiografia tradicional cristalizada que privilegiava o marco de 1888, como momento inaugural da liberdade e início de formação da classe trabalhadora no Brasil é combatida pelo autor com sua busca pela informação, mostrando um compartilhamento de experiências capaz de preparar um campo de luta anterior ao marco cronológico de 1888.

O processo de formação da classe trabalhadora no Brasil e suas experiências na luta pela liberdade ganha maior força nos primeiros anos da segunda metade do século XIX. O autor trabalha com os relatos manuscritos de João de Mattos, que mostra a realidade de algumas padarias em Santos no Estado de São Paulo, evidenciando o processo de luta pela liberdade. Apesar dos relatos serem inicialmente em Santos, posteriormente ele segue para a capital São Paulo onde empreende novos levantes contra os donos de padarias e novas distribuições de alforrias falsificadas para a libertação de vários escravos.

O envolvimento de trabalhadores livres na causa abolicionista é um marco na luta para construção de uma classe. No cenário da vida urbana onde atuavam sujeitos livres, fossem imigrantes estrangeiros ou nacionais, escravos e ex-escravos no mesmo campo de trabalho colaborava para a troca de experiências e vivências de lutas. Um debruçar aprofundado sobre esse tema nos últimos anos pelos historiadores vem jogando luz na historiografia social da classe trabalhadora no Brasil, principalmente recuando as análises para o século XIX, mostrando novas questões em discussão, seja no eixo Rio e São Paulo, mas expandindo as abordagens para a periferia do país num âmbito regionalizado.

## 2.2 Historiografia do Trabalho no contexto Inglês

Saindo do contexto nacional e indo para a realidade inglesa, o trabalho de Eric J. Hobsbawm nos evidencia aspectos desses trabalhadores, tentamos compreender como ele lida com a questão do trabalho e o fazer-se da classe operária no contexto inglês, no período que corresponde entre 1870-1914. O autor começa demonstrando a importância de lidar com os conceitos, principalmente quando temos que recuar no tempo para fazermos análises de outras conjunturas históricas.

O autor em questão, traz para a discussão nessa temática vários aspectos, mas em virtude das análise pensamos em dois aspectos: o fazer-se da classe numa dinâmica constante

e a consciência desses trabalhadores ao conceito de classe que pode ser percebidos na leitura do texto.

Hobsbawm (2000), nos leva à observação do contexto, nos colocando diante de um processo dinâmico sob o aspecto da troca de experiências nesse fazer-se, mostrando que uma classe social diferentemente de uma casa, nunca está no seu pleno momento com sua estrutura acabada, no entanto, se renova e ganha elementos novos que são incorporados nessa interação entre os sujeitos. O contexto de transformação das cidades e o desenvolvimento de algumas estruturas de produção, colaboram em grande medida para essa estruturação da classe trabalhadora a partir da segunda metade do século XIX. Nesse aspecto, ele demonstra através dos números comparativos as modificações sofridas ao longo dos anos, tanto nos grandes centros urbanos como no mundo do trabalho, até chegar a um momento mais elaborado da classe trabalhadora.

Em outro ponto de discussão, ele nos evidencia um processo de luta e afirmação da classe operária num contexto político, o engrossar da “massa” de trabalhadores no período em um ambiente urbano com uma crescente expansão da indústria. O uso do futebol como elemento de uma identidade coletiva que associado aos torneios irão reforçar a imagem do trabalhador, o vestuário dentro e fora das fábricas, a reunião pelos operário em torno de uma unidade sindical, colaboram para uma tomada de consciência de classe.

Para compreender melhor esse contexto, será necessário viajar nesse universo criado pelo autor para exemplificar o mundo em transformação que se apresenta mais fortemente na segunda metade do século. No campo ou nas cidades o cenário vai se modificando, o espaço de trabalho será ampliado, em virtudes dos “novos postos de trabalho” e de um número maior de categorias que se fortalecem através de suas disputas no campo político. Esse fazer-se social da classe trabalhadora ganha corpo não apenas num momento específico, mas em todo século XIX, os eventos de disputa em torno da realidade do trabalho e um crescimento industrial mais volumoso que ao chegar no final deste século traz consigo um ideal de conceito muito mais cristalizado em torno da classe operária.

A história social inglesa tem um papel importante nos novos debates sobre a historiografia da classe operária, que em certa medida é propagada pelas obras de Edward Palmer Thompson. Esse historiador tem destaque mundial sobre a ótica de uma narrativa histórica renovada, que traz para discussão “novos sujeitos” numa história vista de baixo e amplia o debate em torno do mundo do trabalho, ou seja, abre possibilidades de narrativas que

contemplam as várias categorias de trabalhadores existentes: catraieiros, estivadores, limpadores de ruas, seringueiros, vendedores ambulantes, comerciantes entre outros. Em suas abordagens, Thompson não está falando especificamente desses trabalhadores aqui mencionados, e sim da realidade dos trabalhadores no contexto britânico no final do século XVIII e parte do XIX, sendo os trabalhadores rurais, os artesãos e tecelões onde se concentra suas abordagens.

Alexandre Fortes em artigo produzido para a revista de sociologia da USP, analisa a obra de Thompson e nos evidencia vários aspectos de sua narrativa histórica, trazendo para discussão a estrutura de seu texto, buscando esmiunçar os elementos para a formação da classe operária inglesa, título da obra de Edward Thompson, divididas em três tomos. A Formação, versa não somente sobre o movimento operário, mas também sobre crime, protestos e o caráter ativo e tradicional da cultura popular.

Fortes (2006), joga luz nas críticas feitas a obra de Thompson, mostrando seu caráter infundado feito por alguns autores, que em vez de entender a obra no seu contexto estrutural de formação, simplesmente ficam presos ao prefácio do livro. O contexto da formação da classe trabalhadora para Thompson é anterior a Revolução Industrial, que encontra na formação dos clubes como local embrionário de sociabilidade para a classe operária inglesa e a partir dessa reunião um importante centro de troca de experiências na construção posterior do operariado inglês.

A Formação continua atual para as análises dos problemas de cotidianos da classe trabalhadora com uma relevância significativa nas abordagens historiográficas. Essas características apresentadas por Fortes (2006) é um marco da obra, que em vez de apresentar uma “teoria das classes sociais” ou “os trabalhadores como sujeitos predestinados” da redenção da humanidade, nos evidencia esses sujeitos como produto da exploração de forças econômicas e políticas de destruição do modo de vida dessas pessoas, mas que a partir das experiências e da luta, reconstroem uma cultura popular, capaz de legar a posteridade valores políticos “revolucionários de impacto duradouro”.



### 2.3 Historiografia Regional do Amazonas em Construção

Retomando nossos enfoques para uma historiografia da classe trabalhadora nacional, mas sem deixar de marcar a importância monumental das obras desses autores ingleses que colocam uma contribuição, sobre essas categorias, na qual, está inserido nossos trabalhadores catraieiros no contexto urbano de Manaus.

Como já havíamos mencionado inicialmente, a História regional nos últimos anos vem ganhando novas abordagens historiográficas. A historiadora Maria Luiza Ugarte Pinheiro, pode ser considerada uma grande representante dessa discussão renovada para o nosso contexto. Suas análises a priori, sobre uma categoria específica de trabalhadores, estivadores do porto de Manaus de 1899-1925, não sem razão, o título de seu trabalho é bastante esclarecedor. A cidade manauara, assim como outras portuárias no país, como já comentamos, tinha nos arredores e nas atividades relacionadas ao comércio uma importante relação econômica e social com o Porto.

Ao mapear as principais greves dos estivadores existentes nesse período, a autora recupera as ações políticas dos trabalhadores e suas contradições internas vivenciadas por esses sujeitos no contexto das reivindicações, nos mostrando um papel ativo daqueles que, de certo modo, carregavam a economia da cidade “Sobre os Ombros”. Traçando um importante diálogo com as fontes, remonta os processos formativos da cidade e evidencia a atuação desses sujeitos portuários na composição da sociedade, tanto na formação social, econômica e política. Em suas leituras sobre a temática do trabalho e da cidade de Manaus, ela já apresentava os primeiros questionamentos com relação a seu objeto de pesquisa,

Assim, quando as referências sobre essas greves começaram a aparecer nos jornais, mostrando rostos diferenciados de cocheiros, catraieiros, estivadores, carroceiros, peixeiros, etc., a perplexidade inicial logo cedeu espaço a uma grande inquietação em rever certas idéias cristalizadas. (PINHEIRO, 1999, p.4).

Sem buscar ver esses trabalhadores através da luta de classe, mas procurando vê-los de dentro das suas relações e atuações no cotidiano da cidade, contribui de forma significativa para a história do trabalho no Brasil, buscando investigar questões na historiografia, numa perspectiva renovada.

Outros trabalhos de relevância para o contexto da virada do século, vem sendo construído nesses últimos anos, desconstruindo uma ideia cristalizada em nossa historiografia

regional que priorizava o lado da modernidade como sendo sempre o mais importante. Dentre essas reflexões, pudemos citar o de Edineia Mascarenhas Dias, que sem fazer uso de um grupo específico de trabalhadores, constrói uma narrativa abarcando diversas categorias existentes naquele contexto e as relações de sociabilidades que se estabeleceram no novo contexto urbano.

Através de um diálogo com suas fontes, procura nos mostrar a heterogeneidade da cidade e das relações existentes nesse espaço conflituoso, bem diferente do que costumamos encontrar em outras narrativas acerca desse período, no contexto amazônico. Tendo a modernidade um ponto a ser perseguido pelas autoridades públicas, nesse processo de embelezamento dos espaços, surge um movimento contraditório e excludente de vários atores sociais no bojo organizacional da vida urbana. A autora procura nos dar um pano de fundo social para a cidade, mostrando um modelo de trabalhadores já experimentados no serviço público, segundo ela:

A maneira de organizar uma classe trabalhadora já há muito tinha sido pensada e posta em prática; para isso, contava-se com o auxílio dos missionários no trabalho de catequese e civilização dos indígenas, constituindo isto um ramo de grande importância do Serviço Público do Amazonas. O Governo Provincial reclama, com muita insistência, a falta de missionários na região, afirmando que, mesmo sem eles, fica muito difícil chamar os índios à civilização e ao trabalho. (DIAS, 2007, p.31).

O projeto implementado na cidade manauara, sobre essa lógica dos administradores, seguramente não contemplou a todos e as reflexões da autora nos atestam justamente esses flagrantes sociais discutidos no decorrer de seu texto.



**Figura 2: Mercado Público e no Rio barcos e catraias usadas para transporte de carga e passageiros. s/d. Disponível em: <<http://www.bauvelho.com.br/?tag=manaus>>. Acesso em: 03 de julho 2015.**

Ainda no contexto da historiografia regional, devemos marcar a importância salutar da historiadora Francisca Deusa Sena da Costa, onde analisa o espaço da cidade de Manaus também em nosso período estudado. O olhar da autor se volta para os trabalhadores e suas ações de existências no perímetro urbano, mostrando que no cenário de transformação da virada do século guarda naqueles sujeitos anônimos, uma intensa relação de sobrevivência com a vida cidadina.

Voltamos em seu trabalho, a uma questão importante para a discussão que almejamos renovadora, ou seja, as modificações sofrida pela cidade da borracha na qual passara Manaus promoveu uma modernização na região central de modo até certo ponto, superficial. Sobre a questão da expulsão dos diversos trabalhadores urbano, assinala que,

Por meio das análises sobre Manaus aqui empreendidas, verificou-se que, na fase das principais reformas, entre as décadas de 1890 e 1910, a segregação se apresentou como tendência crescente, mas não se deve, por isso, entendê-la em termos absoluto. O processo de expulsão do trabalhador e do pobre urbano do centro da cidade não foi linear e direto. (COSTA, 2014, p. 109).

Nesse sentido, compreendemos que na cidade de Manaus nesse período contracenou trabalhadores urbano e elite manauara no mesmo espaço de sobrevivência, coexistindo e compartilhando experiências. Não devemos com isso, ingenuamente acreditar que foi uma

convivência pacífica e harmoniosa, pelo contrário, os flagrantes sociais são por diversas vezes identificados na sua narrativa.

#### 2.4 Catraieiros no Contexto Cearense

Saindo do contexto mais geral sobre a temática do trabalho e indo mais especificamente ao nosso objeto de estudo, no caso, os catraieiros do porto de Manaus na virada do século, pouco tem sido produzido sobre o tema na nossa região, podendo existir algo nos cursos de graduação ou pós-graduação, mas nada publicado de maneira mais ampla. Daí surge um problema e ao mesmo tempo um desejo instigante de ir mais a fundo nas investigações para colaborar um pouco mais com a historiografia do trabalho.

No entanto, na realidade cearense um importante trabalho de fôlego investigativo foi elaborado por Nágila Maia de Moraes, dissertação de mestrado apresentada em 2009. Nesse trabalho a autora analisa uma greve ocorrida no final de 1903 e janeiro de 1904, da categoria. Fazendo uso da literatura, jornais e arquivos de uma importante empresa de comerciantes no Estado do Ceará, elabora uma narrativa para retratar o cotidiano de trabalhadores do porto e suas ações políticas no contexto local. A importância desses trabalhadores catraieiros do porto de Fortaleza, assim como de outras regiões portuárias do país, são representados na sua narrativa da seguinte forma: “Esses trabalhadores estão diante de mais uma relação de tensão, posto que o mar se apresentava de maneira dual através dos aspectos favoráveis e desfavoráveis na lida diária”(MORAIS, 2009, p.49), ou seja, além de enfrentarem as tensões no cotidiano da vida e das péssimas condições de trabalho, a natureza representava entraves para a sobrevivência.

Esses trabalhadores associados a um grupo de advogados, comerciantes e importantes jornalistas, enfrentam não só, a situação degradante das condições de vida e trabalho, mas a convocação arbitrária para a marinha mercante desses sujeitos, aliado a esses fatores, também colaboram a posteriori com enfraquecimento de um importante político oligarca cearense.

## 2.5 Catraieiros e os Jornais

Em nossas leituras, com foco principal nessa categoria de trabalhadores, com importância significativa para a economia da região e principalmente para a cidade de Manaus no contexto da virada do século XIX para o XX, pouco conseguimos ainda identificar a presença desses sujeitos diretamente nas páginas dos periódicos examinados.

Um importante jornal, o *Commercio do Amazonas* com circulação diária, investigado de 1870 até pelo menos 1898, com alguns cortes de exemplares, ou ausência de importante parte desse acervo, como identificamos entre os anos de 1884 e que temos uma nova retomada nesse material em 1894. É necessário frisar, que o fato de não termos esses dez anos do jornal digitalizados ou com uma organização acessível em nossos arquivos de domínio público ao nosso dispor, inviabilizou ou pelo menos diminuiu as chances de encontrarmos referências sobre nosso objeto de pesquisa, já que os anos em questão foi um importante momento de mudança na conjuntura política e econômica do país, abolição da escravidão e uma maior intensificação dos movimentos migratórios auxiliaram na inquietação dos trabalhadores em várias partes do Brasil e do mundo.

Nossas leituras, nesse jornal ocorreram entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015, tempo necessário para investigar e procurar a possível presença dos catraieiros em suas múltiplas dimensões, possíveis paralisações de suas atividades, ou fala que marcassem de certa forma sua presença no cenário econômico e cultural da cidade manauara.

Se nessa importante fonte não conseguimos sentir uma presença real de nossos sujeitos, passamos nossas atividades de leitura para um outro jornal importante, como todos eles foram para esse contexto. A *Provincia do Amazonas* do qual dispomos data do ano 1888, nos meses de janeiro e outubro. Mesmo sem evidenciar a presença dos catraieiros, o periódico nos colocou diante da realidade dessa cidade em constante transformação.



Figura 3: Barcos e Catraias ancorados no Rio, s/d. Disponível em: <[http://jmartinsrocha.blogspot.com.br/2011\\_10\\_01\\_archive.html](http://jmartinsrocha.blogspot.com.br/2011_10_01_archive.html)>. Acesso em: 25 Junho 2015.

O Jornal Gutenberg também nos apresentou outras facetas de nossa cidade, mas que se continha a presença de nossos sujeitos, guardou em outras edições das quais não havíamos obtido acesso algum. Os jornais A Provincia do amazonas e o Gutenberg realizamos a leitura do dia 01 de março ao dia 20 do mesmo mês.

A busca devia continuar, afinal, nossa categoria de trabalhadores não havia falado em nossas fontes. Portanto, lançamos mão de um jornal que pelo menos no nome, se aproximava dos trabalhadores, o Operário. A fonte que temos desse jornal é o ano de 1892. Ou melhor, uma edição. Mas como nas anteriores não identificamos nenhuma referência.



**Figura 4: Barcos e Catraias nas proximidades do que atualmente é o porto de Manaus, 1900. Disponível em: <<http://manausdeantigamente.blogspot.com.br/2013/05/cais-do-porto-da-manaus-de-antigamente.html>>. Acesso em: 20 junho 2015.**

No final do século XIX, com a intensificação do comércio, circulação de mercadorias, pessoas e principalmente ideias, no Amazonas nossos sujeitos, juntos com outros que atuavam em outras atividades no porto e nos arredores formaram um importante regimento de trabalhadores.

Portanto, passamos a investigar outros periódicos dos primeiros anos do século XX, que pudessem nos evidenciar a presença desses trabalhadores nos jornais da cidade. Para a realidade cearense, já mencionamos o trabalho da autora Nágila Maia de Moraes. O trabalho da historiadora abriu para nós a possibilidade de pensar essa categoria em nossa realidade e como a notícia vinda de lá chega e é reelaborada nos jornais da cidade.

Nessa outra parte da pesquisa investigamos principalmente o Jornal do Commercio de 1904. Nesse, encontramos não os catraieiros do Amazonas, categoria específica de nosso projeto, mas encontramos uma imprensa e uma sociedade atenta aos acontecimentos do contexto cearense.

Em uma parte do jornal de 1904, com título de serviço do Jornal do Commercio, publica um telegrama daquela cidade noticiando os últimos acontecimentos,

A classe marítima dessa capital, a exemplo dos seus collegas do Rio, declarou-se em greve, por causa do sorteio para o serviço da armada. Desde a tomada dessa resolução ficaram suspensos os serviços de trafego do porto. Na terça-feira ultima ancorou o vapor Maranhão, do lioyd, cujos passageiros não podiam desembarcar em virtude da greve, pelo que a capitania do Porto, mandou que esse serviço fosse feito pelo seu escaler. Quando porem o escaler queria atracar á praia os grevistas não consentiram.

Continua o jornal,

O capitão do Porto, capitão-tenente Lopes da Cruz, requisitou uma força do governador do Estado para proteger o desembarque, sendo mandado para esse fim 100 praças de policia. Estes ao chegarem fôram recebidos de um modo hostil, sendo em seguida agredida. A vista dessa atitude, atirou sobre os grevistas e sobre o povo, que está solidario com eles. Foi um conflito medonho, a grade massa de povo, na grande maioria desarmada, não poudo reagir com vantagem e sofreu consideravelmente com o fogo da policia. (Jornal do Commercio, Manaus, 09 janeiro de 1904, n 7. P.1).

A matéria dessa edição é o cenário da tragédia vivida no porto de fortaleza e que voltará à tona, repetitivamente nos próximos dias no jornal do commercio. Buscando mostrar os acontecimentos daquela cidade, nos coloca diante da união de um povo que vivendo na cidade de Manaus se aproxima pela tragédia do dia 3 de janeiro de 1904.

Boletim aos cearenses, os gravíssimos acontecimentos do Ceará que alarma o espirito público do paiz, lancinam fundamente a alma de todos os filhos daquella terra martyr. O sangue derramado nas ruas da formosa fortaleza reclama de todos os cearenses uma adhesão sincera de solidariedade com as victimas e de reprovação contra os autores do sanguinolento massacre. E contando com o sentimento de piedade e patriotismo do cearenses, convidamos cheios de confiança, a nossa grande e laboriosa colonia nesta Capital, toda ella, sem excepção para, hoje, as 2 horas da tarde, se reunir nos salões da associação commercial, a fim de resolvermos a nossa attitude diante dos extraordinários sucoessos, na nossa inditosa terra. (Jornal do Commercio, Manaus, 10 janeiro de 1904, n 8. P.2).

Nesse contexto, o sentimento de parte dos habitantes de Manaus eram a favor das manifestações que estavam ocorrendo naquela cidade, mas como mostra o mesmo jornal, em outro trecho, também haviam divergências de ideias em virtude das notícias que chegavam sobre o enfrentamento dos marítimos, com uma importante participação dos catraieiros daquela cidade. A guerra, travada entre os representantes do Estado cearense e os trabalhadores, alimentou nossa imprensa.





Figura 5: Ao fundo a antiga fábrica de cerveja (Cervejaria Miranda Corrêa) e no centro do Rio uma antiga embarcação, s/d. Disponível em: <<http://jornaldamargarida.blogspot.com.br/2010/06/bairro-de-aparecida-em-manaus.html>>. Acesso em: 02 julho de 2015.

Após ser formada uma comissão para angariar fundos para as vítimas do “massacre cearense”, com o nome de importantes representantes da sociedade local, como: Jornal do Commercio, Commercio do Amazonas, Quo Vadies, Associação Comercial e outras agremiações da cidade. Um deles, no entanto, o coronel Afonso de Carvalho do jornal Amazonas envia ao representante do Jornal do Commercio uma carta para justificar o seu desacordo com essa comissão que havia sido formada e que seu nome fora mencionado como participante do grupo.

Exm. Sr. Major Rocha dos Santos, digno redactor e proprietário do Jornal do Commercio. – Lendo, com surpresa, no jornal de v. s. o meu nome, fazendo parte de uma comissão para angariar donativos <a favor das vítimas do massacre cearense>, tenho a declarar à v. s. que não posso aceitar tal incumbencia, por muitos motivos, destacando-se entre elles os seguintes:

1 – não fui consultado para o desempenho dessa comissão;

2 – porque não me parece justificada a phrase <victimas do massacre policial cearense>, com que não me posso conformar por se me afigurar agressiva à administração do Ceará, que acato e admiro;.. (Jornal do Commercio, Manaus, 14 de janeiro de 1904, n 11. P.1)

Nesse trecho encontrado no Jornal do Commercio, pode haver outras interpretações sobre a matéria, mas para nós nessa discussão, a divergência de ideias sobre o ocorrido no Ceará no dia 3 de janeiro de 1904 marca a polémica narrada na imprensa. Não conseguimos

analisar o desdobramento dessas discussões, afinal, a pesquisa deve ser aprofundada nesse período para compreender os próximos dias desse jornal. Cabe verificar outros jornais, como o próprio Amazonas, o Quo Vadis e outros documentos que possam nos colocar no cenário da cidade de Manaus. O tempo de investigação do Jornal do Commercio durou cerca de 40 dias entre os meses de maio e junho de 2015.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não houve em nossas reflexões o intuito de expor todos os trabalhos e periódicos acerca do trabalho e dos trabalhadores na nossa região e no Brasil, mas de forma breve procuramos mostrar o muito que já tem sido feito e o muito que ainda há de ser produzido nesse campo temático, as reflexões sobre os catraieiros e de forma mais geral sobre trabalhadores nas suas múltiplas dimensões do cotidiano é uma dentre as possibilidades existente para a pesquisa histórica.

Em nossas leituras nas fontes selecionadas, obtivemos um resultado positivo, mesmo que não tenhamos identificado nossa categoria de trabalhadores, explícita nos jornais, nos poucos periódicos que compulsamos. Temos clareza que se houvesse um tempo maior para uma pesquisa mais pontual nas páginas dos periódicos, na busca de nosso objeto, nos depararíamos com ele. Dedicamos muito tempo a leitura de uma bibliografia que desse conta do tema e acabamos ficando com pouco tempo para a pesquisa com as fontes. Trabalhar jornais exige tempo e arquivos organizados.

A pesquisa até aqui apresentada, no entanto, nos colocou num cenário de reflexão em torno do nosso objeto de pesquisa, que são fundamentais para dar continuidade as análises do cotidiano da categoria de trabalhadores na cidade de Manaus no recorte temporal, já mencionado no início de nosso texto, e na busca mais pontual nos periódicos atrás dos catraieiros. Fica a partir dessas reflexões um desejo de continuar nessa linha de compreensão dos aspectos do trabalho e em novas pesquisas, pretendemos, dar continuidades a leitura de outros exemplares de jornais do período em busca de nosso objeto, para estabelecer um diálogo com a historiografia e as fontes.



## 5 REFERÊNCIAS

BATALHA, Cláudio. “A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetórias e tendências”. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 145-158.

\_\_\_\_\_. “Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs). **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da república a Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 161-189.

\_\_\_\_\_. **Os desafios atuais da História do trabalho**. Anos 90, Porto Alegre, v.13, n 23/24, jan/ dez. 2006. p. 87-104. Disponível em: <[http://seer.ufrgs.br/index.php/anos\\_90/issue/view/622/showToc](http://seer.ufrgs.br/index.php/anos_90/issue/view/622/showToc)>. Acesso em: 10 novembro 2014.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti; MORAIS, Suely Oliveira. **Guia para normalização de relatórios técnicos científicos**. Manaus: Edua, 2003.

BURNS, E. Bradfor. **Manaus, 1910: Retrato de uma cidade em expansão**. Trad. Ruy Alencar. Manaus: Ed. Governo do Estado, 1966.

COSTA, Deusa. **Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: Trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920**. 2 ed. Manaus: Valer, 2007.

FORTES, Alexandre. “**Miríades por toda a eternidade**” A atualidade de E. P. Thompson. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n1, 2006. p.197-215. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n1/30014.pdf>>. Acesso em 12 dezembro 2014.

HOBBSAWM, Eric J. “O Fazer-se da Classe Operária 1870-1914”. In: **Mundos do Trabalho: Novos Estudos Sobre a História Operária**. Ed: 4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 279-305.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. 2ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MATA, João Nogueira da. **Antiquilhas Manauaras**. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1991.

MELLO, Thiago. **Manaus, Amor e Memória**. Manaus: Funcomiz, 1983.

MATOS, Marcelo Badaró. “Recuando no Tempo e Avançando na Análise: Novas questões para os estudos sobre a formação da classe trabalhadora no Brasil”. In: GOLDMACHER, Marcela; MATTOS, Marcelo Badaró; TERRA, Paulo Cruz (orgs.). **Face do trabalho: escravizados e livres**. Niterói: EDUFF, 2010. p. 11-25.

MORAIS, Nágila Maia de. **Todo Cais é Uma Saudade de Pedra: repressão e morte dos trabalhadores catraieiros 1903-1904**. 2009. 129f. Dissertação (Mestrado em História)

Programa de Pós-graduação em História e Culturas, Universidade estadual do Ceará, Fortaleza.

NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. **Além de senzalas e fábricas, uma história social do trabalho.** Tempo social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, p. 217-240, jun. 2006.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1925.** Manaus: Edua, 1999.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto e PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Orgs). **Imprensa Operária no Amazonas: transcrições e fac-símiles.** Manaus: Edua, 2004.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “Imprensa periódica como fonte para a pesquisa sobre os direitos do trabalhador”. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **Trabalho, justiça e direitos no Brasil: pesquisa histórica e preservação das fontes.** São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 123-140.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. “Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira”. In: ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira.** São Paulo: Scritta, 1997. p. 85-103.

SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem patrões: Os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro, Zahar. 1981.

\_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** (Orgs) NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 vols.

WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920).** São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

## 6 FONTES

Amazonas. Manaus, 1866-1884;

A Provincia do Amazonas. Manaus, 1886-1888;

Commercio do Amazonas. Manaus, 1870-1898;

Gutenberg. Manaus, 1891;

Jornal do Commercio. Manaus, 1904;

O Catechista. Manaus, 1862-1871;

Quo Vadis. Manaus, 1902.